

## ENTRE FRONTEIRAS: JUVENTUDE, CRIME E RELAÇÕES DE AMIZADE NA PERIFERIA DE SÃO PAULO

## ACROSS BOUNDARIES: YOUTH, CRIME AND FRIENDSHIP RELATIONS ON THE OUTSKIRTS OF SÃO PAULO

Gilberto Geribola Moreno<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre algumas dinâmicas de sociabilidade juvenil observadas nas periferias da região sul da cidade de São Paulo. Por meio de uma abordagem etnográfica investiga-se as relações sociais de um grupo de jovens que tem sua experiência social caracterizada pelo trânsito entre as fronteiras que delimitam os mundos da legalidade/ilegalidade, do lícito/ilícito. A etnografia permite perceber certa porosidade entre essas esferas da vida social, notadamente entre as esferas do trabalho e do crime. A pesquisa possibilita, ainda, estabelecer categorias tipológicas definidas pelo maior ou menor trânsito entre as fronteiras do mundo do trabalho e do crime. Assim distingue-se um tipo trabalhador caracterizado pelos laços com o mundo do trabalho; um tipo puro ligado ao crime; um híbrido que transita entre as fronteiras dessas esferas da vida social e um tipo conflituoso que elabora sua experiência no trânsito entre diferentes espaços e por meio do exercício do "contornamento" das injunções de sua experiência e das relações com os moradores de sua quebrada. Por fim o trabalho aponta certa ressignificação do trabalho por parte desses jovens que transitam entre essas fronteiras e que estão no "fio da navalha" que separa o ilícito do lícito, o legal do ilegal.

**Palavras-chave:** Jovens. Periferia. Sociabilidade. Crime. Etnografia.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia da Educação pela Faculdade de Educação USP, Brasil(2014). Professor substituto da Universidade Federal da Integração Latino Americana, Brasil. E-mail: geribolamoreno@gmail.com.

**ABSTRACT**

This article aims to present a reflection on some dynamics of youth sociability observed on the outskirts of the southern region of São Paulo. Through an ethnographic approach, it investigates the social relations of a group of young people who have their social experience characterized by being able to move across the boundaries that circumscribe the limits between what is legal and illegal, lawful and unlawful. Ethnography allows us to understand the existence, to a certain extent, of porosity across these spheres of social life, especially across the spheres of work and crime. The research allows the constitution of typological categories defined by greater or lesser transit across the borders of the work and crime worlds. Thus, it is possible to distinguish a type of worker that is characterized by his/her ties with the work world; a pure type, connected to the crime world; a hybrid that moves between the boundaries of these spheres of social life, and a confrontational type that devises his/her experience upon the transit between different spaces and through the exercise of going around the injunctions of his/her experience and on the relationships with the inhabitants of his neighborhood. Finally, the paper points out to a type of reinterpretation of work held by these young people, who move across these borders and who are so close to crossing the limits that separates lawful from unlawful and legal from illegal.

**Keywords:** Youth. Outskirts. Sociability. Crime. Ethnography.

## Introdução

Diferentes pesquisadores vêm observando o crescimento das injunções do crime organizado<sup>2</sup> sobre a vida das camadas populares da cidade de São Paulo, especialmente em suas periferias (FELTRAN, 2008). Constata-se certa zona opaca entre os mundos das legalidades e das ilegalidades, promovendo uma espécie de esgarçamento do tecido social ao não se estabelecer, ou se estabelecer de modo precário, as fronteiras entre as esferas do formal e o informal, do lícito e do ilícito (TELLES, 2006). No âmago das transformações experimentadas pelas camadas populares no período posterior à redemocratização do país Peralva (2000) afirma que vivíamos o “paradoxo brasileiro” nos grandes centros urbanos ao se desfrutar da ampliação dos direitos políticos com o concomitante crescimento da violência urbana.

Nos anos 2000 observou-se a emergência na esfera pública de um novo ator social (GIDDENS, 2002) caracterizado como *o crime*. Especificamente a partir da megarrebelião promovida pelo Primeiro Comando da Capital – PCC nos presídios do estado de São Paulo no ano de 2001. Uma nova onda de rebeliões e violências foi promovida em 2006, com uma série de atentados contra policiais e o incêndio de ônibus do transporte público. Essa manifestação pública do crime aliada a outros fatores tais como a precarização das relações no mundo do trabalho, as debilidades do sistema de educação, o refluxo dos movimentos sociais etc promoveram a introdução de um novo modo de sociabilidade expresso por certo tipo de circulação entre as diferentes fronteiras sociais das legalidades e ilegalidades, promovendo, também, um novo léxico discursivo presente nas falas de alguns jovens que estão em estreita relação com o crime e também estabeleceu novas práticas nas relações entre estes e o mundo das ilegalidades, estejam esses jovens envolvidos ou apenas sob certa zona proximal de influência do crime.

No entanto, é possível reconhecer que, para uma parcela expressiva dos moradores das periferias da cidade de São Paulo, os códigos e valores norteadores de sua experiência social ainda são aqueles que historicamente organizaram seus modos de vida (LOBO, 1992;

---

<sup>2</sup> Tomo como crime organizado a presença do Primeiro Comando da Capital (PCC) nas periferias e a normatização do comércio de drogas e outras atividades ilícitas e ilegais realizada por essa organização.

DURHAM, 2004), e que o crime se constitui em mais um ator social num quadro social polifônico e de disputa pela predominância em diferentes territórios. Mesmo os meninos envolvidos com o mundo das ilegalidades vêm-se no confronto de ideias, ações e perspectivas que promovem a possibilidade de uma experiência social caracterizada por uma série difusa de códigos e valores que muitas vezes se encontram em contradição, outras se complementam e por vezes se relacionam por meio de lógicas de acoplamento (HALL, 2013). Pode-se afirmar que a experiência social dos jovens das periferias é nuançada por um conjunto de pertencimentos e injunções que ora resultam das ações de diferentes esferas institucionais, ora não se definem pelo desempenho esperado dos papéis institucionais, mas que, também, não se estabelece em um ambiente anômico, sem regras e sem delimitação de espaços e fronteiras sociais.

A pesquisa que conduzi por meio da observação etnográfica em alguns espaços de sociabilidade juvenil na periferia da cidade de São Paulo permitiu-me estabelecer algumas distinções que caracterizam os jovens frequentadores desses espaços em face de sua relação com o mundo das ilicitudes e ilegalidades. Observou-se a presença de jovens de *tipo trabalhador* que convivem com o mundo do crime sem se comprometer diretamente com as ilegalidades e ilicitudes desfrutando da amizade de criminosos sem compartilhar de seu modo de vida e guiando-se pelos códigos e regras do mundo do trabalho; alguns comprometidos com o crime, exercendo atividades remuneradas – e muitas vezes bem remuneradas para os padrões vividos por esses jovens – como funcionários do tráfico e, em diferentes medidas, comprometidos com o crime organizado; outros ainda – *um tipo híbrido* - que coabitam o mundo do trabalho e o do crime, transitando por suas fronteiras com certo desembaraço e um *tipo conflituoso* que compõe esse universo por meio de um saber circulatório, reunindo e combinando diferentes elementos dos demais tipos. Um aspecto que se destaca é a relativa facilidade e desenvoltura com que esses jovens transitam, se relacionam e compartilham suas experiências no mesmo cenário. Essa tipologia não visa responder a todas as questões colocadas pelas dinâmicas e trânsitos entre as fronteiras do lícito/ilícito, formal/informal observadas entre os jovens das periferias da cidade, mas podem apontar para a recorrência de relações que sustentam as dinâmicas sociais desses atores. Especialmente aquelas que se desenvolvem no âmbito do mundo do trabalho e que parecem, segundo pode se observar na etnografia apresentada, estarem envoltas em certa opacidade e, de certo modo,

ampliando práticas de informalidade e ilegalidade entre os jovens configurando novas formas de sociabilidade (MACHADO E SILVA, 2004).

### 1 . Jovens entre fronteiras

A pesquisa etnográfica realizada na região sul da cidade de São Paulo junto a segmentos juvenis em seus espaços de sociabilidade<sup>3</sup> apontou que alguns jovens transitam pelo mundo do crime, mas que também há outros que transitam pelo mundo do trabalho e regem suas vidas pelos códigos e valores da cultura operária e popular mesmo que este mundo esteja submetido à lógica de precariedade e do trabalho incerto. Há outros que caminham pelas fronteiras desses dois mundos, como se estivessem experimentando certa permeabilidade entre os espaços das legalidades e das ilegalidades. Os constrangimentos e estigmas oriundos pelo pertencimento ao mundo do crime, mesmo que momentaneamente, parecem diminuir ou se mostrarem diluídos, à medida que as fronteiras não se apresentam demarcadas do mesmo modo que foram outrora, embora não estejam indiferenciadas.

Nos anos 1980, era dramática a passagem de um jovem para o mundo do crime, implicando a perda da superioridade moral conferida pelo pertencimento ao mundo do trabalho (ZALUAR, 1985). Transitar por esses mundos, caminhar do mundo do trabalho para o da criminalidade representava uma transgressão, um *desvio*. A dramaticidade implicada na transposição dos limites e das fronteiras entre os mundos dos trabalhadores e dos bandidos se caracterizava, também, pela impossibilidade de um passo atrás, um retorno às origens de trabalhador.

Se entrar para o mundo do crime era, nos anos 1980, um caminho muitas vezes sem volta para os jovens das camadas populares, a maior permeabilidade observada em anos recentes entre o mundo das

---

<sup>3</sup> Em meu mestrado e em meu doutorado pesquisei nas periferias da cidade de São Paulo. Para este trabalho me baseei em observações e registros de caderno de campo que compreendem o período de 2007 a 2014 abordando uma escola voltada à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e diferentes espaços de lazer e sociabilidade juvenil nas periferias da zona sul da cidade de São Paulo. Estas pesquisas contaram com apoio da CAPES e do CNPq respectivamente.

ilegalidades e o das legalidades permite ao sujeito entrar e sair de ambos ou, ainda, circular concomitantemente por essas esferas da vida social. Há jovens, hoje, que transitam entre esses dois universos demonstrando poucos constrangimentos. Constata-se recentemente certa naturalidade em circular pelos ambientes onde prevalecem as lógicas ilegais e ilícitas bem como transitar entre os espaços das legalidades/ilegalidades, dos lícitos/ilícitos. Convivendo cotidianamente com o universo do crime, os rapazes e algumas moças realizam a transposição das fronteiras com menor dramaticidade. Alguns desses jovens ora se declaram trabalhadores, com todas as responsabilidades que isso acarreta, ora se manifestam como sendo *do corre*<sup>4</sup> se submetendo às injunções desse tipo de vida. Há menos constrangimentos ao transpor as fronteiras, menos questionamentos na convivência com as ilegalidades, ilicitudes e informalidades. Se as fronteiras estão relativamente diluídas, há menos dramaticidade em transpô-las, implicando na possibilidade em transitá-las em seus variados sentidos, o que possibilita um retorno ao mundo das relações formais e legais ou a circulação pelos ambientes marcados pelas regras e códigos que organizam as variadas dimensões da vida social na periferia da cidade.

Em uma de minhas visitas com o objetivo de observar um encontro de jovens em um samba eu acompanhei o diálogo de um grupo de rapazes, registrado posteriormente em meu caderno de campo. Desse registro, realço o seguinte:

- *O Armando está com problema?*
- *Tá. Tá com problema de saúde na família.*
- *É, mas o cara não precisa ficar assim, com essa cara.*
- *É, vou trocar ideias com ele. É que ele tá sem dinheiro.*
- *Fala pro cara vir aí. Se precisar é só falar que a gente faz um corre e, se for preciso assume um B.O.<sup>5</sup> pra ele. Não precisa ficar assim não.*
- *Nós somos tudo da quebrada. Crescemos tudo junto. Não tem essa...*

Solidarizando-se com o amigo em dificuldades, mas compartilhando as mesmas carências, é muito difícil o auxílio ocorrer por meios legais ou, em outros termos, pelo simples empréstimo de algum valor, haja vista a indisponibilidade financeira que marca a vida dessas pessoas. Assim, os rapazes desse diálogo diluem e transbordam as fronteiras dos mundos

<sup>4</sup> Expressão usada para se referir à prática de assaltos. *Eu sou do corre*, por exemplo.

<sup>5</sup> Realizar um assalto ou alguma atividade ilegal que garanta uma soma de dinheiro.

das legalidades e das ilegalidades, dispendo-se a fazer um assalto para tirar o amigo da situação em que se encontra, assumindo os riscos de uma ocorrência policial que poderia lhes estigmatizar como bandidos. Contudo, essa questão não se coloca com a força necessária para que eles sejam coagidos a agir de outra forma. Os códigos se embaralham e a solidariedade com o igual se sobrepõe às injunções legais. Isso implica que os rapazes passem a se reger por outros códigos de conduta, ordenados também por símbolos e códigos, mas de outra ordem, que se coadunam com a lógica da masculinidade marcada pela alcunha do *guerreiro*, a lógica de um lutador que não mede esforços e ultrapassa todas as fronteiras na realização daquilo que compreende ser sua missão.

- O cara sempre foi lutado, guerreiro; Não era pra ficar assim.
- É o que eu tô dizendo.

De meus contatos com jovens do bairro, destacou-se um rapaz que experimenta certa desenvoltura no trânsito entre os mundos tratados acima e se disponibilizou a me ter em sua companhia quando fosse circular pelo bairro e em seus espaços de sociabilidade na sua *quebrada*. Do mesmo modo que Mintz (1984) acompanhou Taso e deslindou sua história de vida a partir do estabelecimento de uma relação de afinidade entre o pesquisador e o pesquisado, aqui a escolha passa pela afinidade pessoal e pela disponibilidade do informante em detalhar aspectos de sua vida na quebrada, mas também por suas características ora conflitantes com o meio social e ora em profunda simbiose com o cenário, seus pares e vizinhos.

Acompanhei esse rapaz, cujo nome é Márcio<sup>6</sup>, por entender que (i) ele manifesta em sua história um percurso trilhado por alguns dos jovens da periferia que ora estão no crime, ora estão fora do crime; (ii) pela sua declarada frequência e circulação concomitantes no mundo das ilegalidades e das legalidades; (iii) pela sua circulação entre as entidades de assistência aos jovens; (iv) por representar um paradigma no sentido de que ele faz a trajetória perseguida pelas entidades presentes na

---

<sup>6</sup> Todos os nomes são fictícios no intuito de preservar-lhes o anonimato. Embora eu compreenda que as favelas são desiguais e diferentes enquanto espaços sociais, culturais e urbanos preferi não especificar seu nome e localidade com o mesmo sentido de preservação de seu anonimato. Com isso trato genericamente o termo favela sem, no entanto, pretender generalizar as observações aqui apresentadas para o conjunto desses espaços de moradia e suas gentes.

periferia que visam tirar os rapazes do tráfico; e (v) por sua disponibilidade em apresentar sua *quebrada*, na qual foi gerente do tráfico, e seus pares que, de certa forma, revelam relações ambivalentes com o mundo do crime. Trata-se, sobretudo, de compreender certas lógicas de sociabilidade apostando que uma descrição densa (GEERTZ, 1978)

[...] desse personagem urbano, cada vez mais comum em nossas cidades, que transita nas fronteiras borradas entre o informal e o ilegal ao longo de percursos descontínuos entre o trabalho incerto e os expedientes de sobrevivência mobilizados conforme o momento e as circunstâncias (TELLES, 2007, p. 2).

Seguindo esses preceitos, creio que se possa promover alguma inteligibilidade sobre as novas configurações sociais das periferias paulistanas.

A primeira observação a ser enfatizada é a valorização do espaço local, denominado *quebrada* e certa fixação nesse espaço. Em um de nossos diálogos, Márcio tentava explicar por que não saía do bairro, preferindo os espaços de lazer da *quebrada*. Afirmava não gostar dos lugares frequentados pelos *boys* e que preferia *ficar com os manos onde tinha mais ideias*, estabelecendo uma oposição com os demais espaços da cidade, o rapaz declarava que *essa aqui – a quebrada – é o meu mundo*.

Por que não sair para outros lugares em seu tempo de lazer? O rapaz afirma que quando saía da *quebrada* em que estávamos, ele preferia ir para outra *quebrada*, onde ele se vê em *seu mundo*. Em seus passeios e atividades de lazer, sua circulação incide sobre as áreas contíguas à sua *quebrada* de origem ou, quando se desloca percorrendo maiores distâncias, para favelas em outras regiões da cidade. Essa “preferência” aponta para uma forma peculiar de segregação urbana que, a partir de referenciais simbólicos, marca a identidade do rapaz, reiterando uma relação apartada em relação a outros espaços urbanos. Circulando por favelas da região e por espaços voltados ao lazer de jovens somente na *quebrada*, Márcio limita as possibilidades de encontros fora de seu círculo restrito de socialização nos momentos de lazer. Perguntado se teria alguma questão com a justiça para só se fixar no interior das favelas, o rapaz respondeu que já teve, mas que já cumprira sua pena. A escolha por fixar-se na *quebrada* é marcada pela classificação



dicotômica entre os mundos dos boys e dos manos, reiterando um pertencimento caracterizado por certo segregacionismo urbano.

- Por que você prefere sua quebrada?
- *É por gosto mesmo.*
- Como por gosto?
- *Eu não gosto de ir nesses lugares de boy. Mesmo com dinheiro no bolso, eu prefiro minha quebrada.*
- Como é esse negócio de preferir a quebrada?
- *Vou te falar: favela é o esquema. Você já foi?*
- Sim, já fui.
- *Então cê tá ligado. Na favela tem tudo: pancadão, forró, mulherada, o que você quiser. E é só tranquilidade.*
- Como só tranquilidade?
- *É a lei do patrão. O patrão garante a paz. Você é sempre bem tratado. Favela não tem treta e, se tiver, o patrão já acaba com ela no ato.*

Submetida à lei do patrão<sup>7</sup>, as festas e demais eventos que acontecem nas favelas frequentadas pelo rapaz transcorrem aparentemente sem grandes conflitos e brigas. Os desentendimentos e problemas mais sérios são, em geral, resolvidos pela intervenção do patrão. Muitas vezes, os conflitos nem vem à tona tamanho o poder coercitivo exercido pelo patrão.

- *Cê chega na favela e fica ligado. O patrão sempre é o mais sossegado. Ele sempre tá na dele. E se ele não tá na área, tem os trutas dele que vão garantir a lei do patrão. Qualquer treta, ele é avisado. Os caras não deixam nem acontecer. Qualquer treta, os manos já chegam, opá, opá, opá. Quer tretar, vai pra longe da favela. O patrão não quer sujar a área dele, tá ligado?*

Nos domínios do patrão, por meio de acordos tácitos ou explícitos, também não há batidas policiais, garantindo-se a venda e o consumo de drogas sem o risco de problemas e envolvimento com a justiça. Aí está todo o sentido do patrão zelar pela ordem da área. A possibilidade da presença da polícia na favela implica em negociações que podem comprometer o andamento dos negócios e a diminuição nos lucros.

Relacionada aos negócios, está a presença de visitantes na favela que, segundo Márcio, não encontram problemas, desde que apresentados por alguém da *quebrada*, *que tenha alguma coletividade* ou que tenham um

<sup>7</sup> Patrão é o chefe do tráfico do local.

objetivo claro para a visita: a compra de drogas. Respeitadas essas condições, ir para a favela como visitante *é uma garantia a mais de paz. Ninguém mexe com você.*

Não se trata especificamente de pura hospitalidade, essa regra de ouro da cultura brasileira que, para Da Matta (2000), “se traduz pura e simplesmente no respeito pela pessoa da visita [...], uma entidade definida com extrema precisão social no caso brasileiro e, portanto, sujeita a uma série de atenções altamente conscientes – ritualizadas e solenes” (p. 11). Aqui parece se combinar essa característica cultural brasileira em relação à visita com novas injunções que se estabelecem sobre as dinâmicas sociais na quebrada em vista da necessidade de se garantir o funcionamento dos negócios do tráfico. Há um nítido embaralhamento entre essas esferas da vida social, combinando, em uma lógica de acoplamento (HALL, 2013), hospitalidade e constrangimento. Recebe-se bem o visitante, mas se exige dele um comportamento marcado pelo estrito respeito às regras locais.

- *Visita é prioridade.*
- *Como que é prioridade?*
- *É assim oh: se eu te recebo na minha casa, eu vou te tratar bem, não vou? Pois é, na favela, é a mesma coisa.*
- *Todo mundo é tratado bem?*
- *Não, você tem que se portar bem, tá ligado? Respeitar. Só isso: respeitar e ser respeitado.*

Essa fala reitera as observações de outros trabalhos etnográficos<sup>8</sup> que demonstram a importância do bom procedimento quando se está na *quebrada*. A ordenação do espaço social da favela se dá por códigos e símbolos amparados no *respeitar* e *ser respeitado*. Há um conjunto de posturas e comportamentos desejáveis que se enquadra no léxico *respeitar*, sendo todos de alguma maneira englobados pelo *proceder*: uma categoria nativa que implica em uma série de códigos de conduta que orientam o comportamento e as relações sociais<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> FELTRAN, (2008); HIRATA, (2005).

<sup>9</sup> O *proceder* é relacional e pode sofrer nuances, mudando de acordo com a situação e as pessoas envolvidas. Por exemplo: um rapaz galanteador que tem encontros com várias garotas pode ser considerado de um bom procedimento, um macho desde que não mexa ou se envolva com a mulher de alguém que possa julgar seu procedimento como o de um traidor, mau caráter etc. O mau procedimento pode implicar em penas decididas por tribunais informais que, não raro, aplicam penalidades severas ao “infrator”.

A lógica do *proceder*, quando se visita alguém, implica no respeito às regras que, sobretudo, denotam uma relação de reciprocidade. Ao ser bem recebido, espera-se que a pessoa demonstre a satisfação sentida respondendo no mesmo nível, respeitando a todos, o que implica também não manifestar juízos de valor moral sobre as pessoas e suas atividades, sejam elas lícitas ou ilícitas.

Ao sentir-se seguro sobre o *proceder* do pesquisador, meu interlocutor manifesta confiança e expõe aspectos de sua vida que, de outro modo, não seriam revelados.

- *Eu já fui do 12<sup>10</sup>. O 12 é bom porque não mexe com ninguém.*

- *Como assim?*

- *Vende quem quer; compra quem quer.*

- *O ladrão, não. Chega no maior veneno, te rouba, te mata...*

O rapaz expõe aqui uma clara divisão do trabalho ilícito lastreada por um código no qual o traficante aparece como um comerciante. As imputações jurídicas à sua atividade ilegal não são consideradas. Oferece-se um produto para o qual, numa lógica liberal, há mercado consumidor. Todo o aparato criminal que envolve o tráfico de drogas não aparece no discurso do rapaz, embora ele tenha sido profundamente envolvido com o tráfico.

Contrariamente, o ladrão aparece regendo-se por outra moral e por outros códigos de conduta, nos quais matar a vítima é uma possibilidade de ação. O ladrão é aquele que chega no maior veneno, sem dar chance para a vítima se defender, que fica sem opções diante da ação daquele e, portanto, o ladrão é caracterizado negativamente.

Perguntado se havia ladrão que atuava na favela ou nas imediações ou, ainda, se havia brigas por pontos de tráfico, ele respondeu:

- *Não te disse que é a lei do patrão? O patrão não deixa ter confusão e, quando tem, ele resolve.*

- *Resolve como?*

- *Olha só: uma vez um cara veio tirar uma comigo lá na favela que eu vou te levar no pancadão. Meti um soco na*

---

<sup>10</sup> Artigo 12 do código penal que se refere ao tráfico de drogas.

*cara do maluco. Deu aquela muvuca. O cara falou que ia me matar e o caramba. Matar? Você tem o poder<sup>11</sup> mas eu tenho a razão. Mas aí já tava todo mundo, os camaradas dele, querendo me pegar.*

*- Aí um cara falou: vamo ouvir o cara. Então eu falei: é isso aí: sou da favela também. Nasci e fui criado em favela. Tô aqui de visita e o maluco aí vem crescer pra cima de mim. Visita é prioridade, ceis tão ligado. Mostrei pros caras que eu conhecia a lei da favela, como as coisas funcionam. Fui pro debate<sup>12</sup> com os caras e ganhei. Mostrei que sabia como funciona o bagulho e o cara pediu desculpas pra mim. Sabe aquele cara que quis me ouvir? Era um gerente da área e patrão mesmo, do partido, tá ligado? É o que eu te falo: o esquema é se ligar no patrão.*

*- Como se faz para se ligar no patrão?*

*- O patrão é que nem um pai. Você tem sempre que tá ali com ele. Acabou o gás, o patrão que providencia. Precisa de remédio, é o patrão. Tem uma treta, é o patrão que diz como vai ser resolvida. É que nem a Dona Sílvia, a diretora da escola. Ela é tipo um patrão. Providencia tudo.*

A relação que o rapaz estabelece entre a direção da escola e o patrão do tráfico de drogas revela (i) um desconhecimento das esferas públicas e privadas; (ii) que as fronteiras entre o institucional e o não institucional não estão claramente estabelecidas para ele – mesmo que intuitivamente – ou que, na melhor das hipóteses, estão borradas; e (iii) que ele enxerga a ação com fins educacionais que ocorre na escola como mais uma prática paternal, na qual se apóia para garantir a providência de suas necessidades. Tudo isso implica em um acentuado embaralhamento das esferas que definem as ações em sociedade e, para o rapaz e seus pares, a reprodução de relações sociais baseadas no favorecimento e na proeminência das relações pessoais. Dentro de sua lógica, não há relações propriamente políticas, mas relações assistenciais e de favorecimento, estabelecendo laços de fidelidade e submissão.

O patrão/traficante, indivíduo envolvido em ilegalidades, confunde-se em sua ação providencial com a diretora da escola, agente da ordem institucional, e ambos desfrutam para Márcio do mesmo status. Ambos são patrões por ocuparem postos hierarquicamente superiores que lhes

<sup>11</sup> O poder refere-se à posse de arma de fogo.

<sup>12</sup> Debate são julgamentos que se realizam à revelia da justiça. As partes envolvidas em alguma desavença manifestam-se perante uma audiência que pode estar presente ou contar com a participação de pessoas encarceradas. Simula-se um julgamento com direito a acusação e defesa. Depois de ouvir as partes, ao patrão, cabe a decisão final, muitas vezes fatal para a parte considerada culpada.

permitem atender demandas e solucionar problemas pessoais e da comunidade<sup>13</sup>.

Trabalhando de modo articulado a um conjunto de ONGs a Escola das Mercês está diretamente envolvida na saída de Márcio do tráfico de drogas ao proporcionar-lhe o retorno aos estudos, um emprego e, conseqüentemente, novos ambientes de sociabilidade. Observa-se que não ocorreu uma ruptura completa com seu universo de referências anterior, mas uma coabitação entre os dois mundos, embora o rapaz venha afirmando reiteradamente o objetivo de uma nova vida.

- É difícil sair do tráfico?
- Não é não. Do jeito que entra, sai. Eu não saí? Saí. E olha que eu fui gerente.
- Como você fez?
- É só saber se colocar. Trocar ideias... Não sair devendo... Principalmente isso.
- Mas os outros caras e mesmo o patrão aceitam sem problemas?
- Claro. Agora se sai e fica cantando salvação<sup>14</sup>, aí tá pego. Porque ninguém gosta de ficar ouvindo essas conversas. Os moleques não dão mole. Ah, é? Você era o cara? Isso foi no seu tempo. Agora sou eu que tô na área, sou eu que tô no comando e pá pá pá' (gesto simulando revolver).
- Então você não pode ir lá e falar com os meninos sobre sua escolha em deixar o tráfico?
- Claro que posso. Você vai ver. Vou te levar na minha quebrada. Onde eu fui gerente. Vou te apresentar os caras. Se der certo, te apresento até o patrão. Ele comanda tudo aqui até Diadema e o ABC. É que ele nem sempre aparece no pancadão. Mas eu tô na consideração dele.
- Por quê?
- Por tudo que eu já fiz pra ele!

Em dissonância com a própria experiência, ele alega que ninguém quer ouvir as pessoas que pregam a *salvação*. Ou seja, o chamamento para sair do tráfico e mudar de vida. Embora não apareça nesse trecho, sua saída do tráfico, como gerente de vendas, aconteceu a partir da interferência de pessoas da *salvação* vinculadas à escola das Mercês e as ONGs da região. Contudo, dentro de sua lógica, o importante é *saber se colocar, trocar ideias* – mais uma vez é ter *procedimento* – é,

<sup>13</sup> O termo comunidade é usado aqui no sentido nativo.

<sup>14</sup> Voltar-se para os rapazes e as moças que estão envolvidos com o tráfico com um discurso salvacionista. Tentando tirar-lhes do comércio de drogas ilícitas.

sobretudo, não ter dívidas com o patrão. A trajetória de Marcio sinaliza a possibilidade de alteração de projeto ou a passagem do mundo do crime para o mundo do trabalho – caminho, em geral, realizado às avessas. Márcio volta aos estudos na Educação de Jovens e Adultos, retornando ao trabalho formal na própria escola, posteriormente, em uma ONG na região. A trajetória desse jovem sinaliza a importância do estabelecimento de uma rede de proteção social e, especialmente, da escola, como condição de possibilidade para o deslocamento do indivíduo entre os espaços e as fronteiras das legalidades e ilegalidades com o sentido à saída do universo das ilicitudes.

## 2 . A quebrada de Márcio

Há muito combinávamos uma visita à *quebrada* de Márcio, pois há tempos a curiosidade de pesquisador estava aguçada com a possibilidade de acompanhá-lo em sua circulação. Presumia-se que uma visita à favela e ao pancadão<sup>15</sup> poderia render uma boa etnografia e reverter em material para comparação com os registros de outros espaços de sociabilidade juvenil da região. Depois de uma aproximação cuidadosa, muitas conversas sobre as quebradas, a escola, o crime, o trabalho e de alguma insistência de minha parte e, por vezes, um auto-convite para ir ao pancadão, Márcio aceitou me acompanhar e me apresentar aos seus pares em sua *quebrada*. À medida que ampliávamos nossas conversas, sua confiança cresceu e ele se prontificou ao convite, alertando-me sobre alguns cuidados.

- *A gente marca em um lugar e você chega lá comigo.*
- *É perigoso lá?*
- *É que você não é da área. Os moleques vão estranhar. Se você chegasse, comprasse um bagulho e saísse fora, beleza. Mas chegar sozinho e ficar lá não, dá não.*
- *Então, como a gente faz?*
- *A gente chega junto e você fica colado na minha. Se eu precisar sair, algum truta meu fica com você. Você vai ver: não tem problema, não. É só não dá mole.*

<sup>15</sup> *Pancadão* é o encontro de jovens marcado por um estilo de funk. Pode ocorrer tanto em espaços públicos e abertos como praças, mas também em espaços privados como, por exemplo, em salões de funk. Outra designação para esse tipo de evento é *batidão*, no qual as letras dos funks são mais suaves com um apelo sexual menor. Segundo os jovens, *o pancadão é mais pesado, tocando, inclusive, o proibidão*.

Márcio é um jovem negro de 26 anos. Nasceu no bairro e cresceu em uma favela da região. De compleição física forte, trabalha na Escola das Mercês auxiliando na locomoção dos deficientes que usam cadeiras de rodas e em outros serviços e tarefas do cotidiano da Escola da Mercês. Nessa escola, está concluindo o ensino fundamental. Seu histórico escolar é repleto de interrupções e de abandonos da escola. Por outro lado, seu histórico no mundo do crime é surpreendente, com uma série de serviços prestados.

*- Com 18 anos, eu já fui manchete do Notícias Populares, tá ligado? Os Racionais cantam lá “com 20 anos alcancei os primeiros lugares, super star do Notícias Populares”? Eu já fui super star com dezoito, tá ligado? Com direito ao levantamento de toda minha vida pelo jornal e foto na primeira página.*

Márcio virou notícia e estampou as primeiras páginas dos jornais ao participar, com outros homens, na tentativa de resgate de um preso da Casa de Detenção de São Paulo, em 2001, cavando um túnel desde uma casa nas imediações do presídio até o interior de uma das celas. Há poucos metros de efetivar o resgate, foram descobertos e presos. Márcio cumpriu pena de 4 anos, 8 meses e 21 dias em um presídio de segurança máxima. Nesse período, recusou-se a receber visitas.

*- Meu irmão foi lá uma vez, mas eu falei pra ele ir embora e não voltar mais. Eu arrumei a treta, eu tinha que me virar. Minha mãe, eu nunca deixei ela ir me visitar. Não queria minha mãe passando a humilhação de ser revistada. Falava por telefone com ela e sempre dizia: “não vem que eu não quero”. Ela falava: “mas, meu filho, eu quero te ver”. “Não, não vem que eu não recebo”. Tive que ser duro. Qual é o filho que não quer ver a mãe? Ainda mais nessa condição. Preso! Mas eu já tinha dado esse desgosto pra minha mãe, de entrar na vida errada. Ainda ia fazer ela passar por revista? Tirar a roupa, abaixar a calcinha pra ser revistada? Aguentei a bronca. Fiquei lá quatro anos, oito meses e vinte um dias, sem visita. Os manos não acreditavam.*

Esse episódio é narrado por Márcio sem bazófia, mas como mais um acontecimento em sua trajetória de vida loka<sup>16</sup>. Os códigos de

<sup>16</sup> Vida loka é a expressão usada pelos meninos do tráfico para se referirem a suas vidas em constante risco e, no mais das vezes, marcadas por intensa pressão e perigos.

masculinidade e o *ethos* do guerreiro orientaram sua ação na prisão. Responsabiliza-se pela sua escolha e não aceita a ajuda do irmão e tampouco a visita da mãe. Esta não pode passar pela humilhação das revistas, tendo já experimentado o desgosto de ver o filho na *vida errada*. Como um guerreiro que passa por provações, superando-as, suporta a ausência dos poucos familiares que poderiam lhe visitar, surpreendendo os outros presos. Embora realizada *a posteriori*, a divisão dicotômica entre a vida certa e a vida errada norteia sua avaliação sobre sua vida pregressa.

Sua participação na tentativa de resgate lhe conferiu um lugar de respeito no mundo do crime e, por isso, ao deixar a prisão, assumiu a gerência de pontos de venda de drogas. Transformou-se em funcionário do homem que fora resgatar, implantando alguns pontos novos e lucrativos. Seu patrão, após um indulto de natal, não voltou mais para a detenção e, há anos, comanda o tráfico de drogas em uma vasta região da cidade de São Paulo, estendendo seu raio de ação para municípios vizinhos.

Até meados de 2009, Márcio comandava o tráfico em uma área da zona sul como gerente e tinha sob seu comando alguns meninos. Recebia uma boa soma em dinheiro pelo seu trabalho e contava com o respeito e prestígio do patrão.

Em um dia de atividades normais em sua quebrada, Márcio teve contato com Paulo, um ex-trafficante, que também fora gerente de uma biqueira<sup>17</sup> na região da zona sul. Paulo deixou o mundo do tráfico, concluiu seus estudos, formou-se em Letras por uma faculdade privada e lecionou português em uma escola pública da região. Sua experiência foi narrada em um livro autobiográfico. Atualmente, Paulo trabalha para uma ONG que desenvolve atividades com crianças e adolescentes em situação de rua. Em uma de suas visitas a um bairro da zona sul de São Paulo, para contatar uma família atendida pela ONG, ocorreu o encontro entre os dois. O ex-gerente do tráfico – agora da *salvação* – visitava a quebrada do gerente da boca.

*- Eu ganhei o cara lá de cima. Ele chegou com o carro dele, desceu com uma mochila nas costas e foi andando*

---

<sup>17</sup> Biqueira é o termo usado pelos jovens traficantes para se referir aos pontos de venda de drogas.



*assim como quem não quer nada. Eu falei pros moleques: acho que é ganso<sup>18</sup>. Cola nele e vê onde ele vai. Mas não deixa ele vê vocês, não.*

- Deu certo?

- *Os moleques perderam ele. Ele tava ligado. Ele sabia qual é da quebrada.*

- Como você acha que ele sabia?

- *Eu não sabia que ele tinha sido gerente numa outra quebrada, um pouco antes de eu ser. O cara sabe qual é o esquema da quebrada, tá ligado? Ele se ligou que tava sendo seguido e entrou assim por uma viela, saiu em outra e assim deu um olê nos moleques.*

- E vocês não viram mais ele?

- *Que nada! Eu peguei meu cavalo, que eu sempre gostei de cavalo, e fui atrás dele. Aí vi ele indo lá em cima. Cheguei nele e falei assim: “aí, mano, que cê tá querendo aqui na minha quebrada?”, sem descer do cavalo. Aí que ele me falou que era de uma ONG assim e assim que tava ali procurando uma família coisa e tal. Eu nem sabia o que era ONG, mas deixei ele fazer o trampo dele.*

- Por quê?

- *Porque senti firmeza nas ideias dele. Depois ele foi indo mais vezes e a gente foi trocando ideias. Ele me contou que tinha sido gerente, essas ideias aí que você já tá ligado. E olha que a gente tava querendo fazer até maldade com ele...*

Encontro fortuito e marcado por extrema tensão, sobretudo pela ação dos rapazes do tráfico. No entanto, segundo declarações de Márcio, foi a partir desse encontro que ele pôde vislumbrar sua saída do tráfico. Foi também a partir desses encontros que pôde romper com um aparente segregacionismo que o limitava às ruas no entorno da biqueira sob sua gerência e conhecer outros espaços mesmo que ainda na quebrada. Desse modo, por meio de Paulo, conheceu a Escola das Mercês e voltou aos estudos para concluir o ensino fundamental.

- *Eu nunca tinha pensado nisso, de sair do tráfico.*

- Por quê?

- *Porque eu tinha minha responsabilidade. Eu tinha um compromisso com os manos lá, tá ligado. Só quando comecei trocar ideia com o Paulo, que ele tinha sido gerente que nem eu, e que tava em outra vida, eu comecei a pensar diferente.*

- *Aí uma mão, ele foi lá e falou se eu queria conhecer a escola aqui. Aí eu vim e conheci a Dona Sílvia e tô aí.*

---

<sup>18</sup> Informante da polícia.

Márcio demonstra mais uma vez seu respeito pelo compromisso assumido em sua função de gerente. O encontro com alguém que tem uma história aproximada com a sua, e que muito provavelmente domina todo o léxico usado pelos rapazes do tráfico, possibilita que ele comece a pensar diferente e vislumbre a saída do crime, embora essa saída não ocorra de maneira abrupta de modo que venha a representar um rompimento.

A visita à sua quebrada aconteceu em uma sexta-feira, a partir de um encontro por volta das 23 horas. Um pouco antes desse horário e depois de eu receber algumas orientações por celular, encontramos-nos em um cruzamento de uma grande avenida da zona sul com uma pequena rua estreita que adentra pelo bairro. Descemos por uma rua íngreme. Ao virar à esquerda, atravessamos uma favela. Meu cicerone aproveitou para fazer chacota, ciente de nossas dissimetrias e diferenças sociais.

*- E aí? Tinha as manhas de atravessar aqui sozinho?*

Seguimos em frente, por algumas ruas tortuosas até entrarmos mais uma à esquerda, para finalmente chegarmos à sua quebrada. Ao entrar na rua que dá acesso a esse ponto de sua quebrada, Márcio pediu que eu desse dois toques com o farol e, em seguida, apagasse as luzes do carro, descendo a rua quase às escuras.

Dos dois lados, a rua é composta inicialmente por sobrados geminados e idênticos em um padrão típico de classe média com garagem para carro na frente da casa, invariavelmente protegida por grades. Ao avançarmos pela rua, a favela e o movimento de pessoas vai se revelando ao fundo, na semiescuridão.

Paramos o carro antes de chegarmos ao final da via e seguimos a pé por uns cinquenta metros. Nesse percurso, fui apresentado a algumas pessoas que saíam da favela, seguindo em sentido contrário ao nosso, todos conhecidos de Márcio. Outros passantes seguiam apressados para fora da área da favela. O primeiro contato foi com um casal que namorava em uma viela escura. Sem cerimônia, meu informante aborda o rapaz.

*-Ei, Antônio, chega aí.*

O rapaz, saindo da penumbra, volta-se para o nosso lado com certa tensão, aproxima-se excessivamente de mim, medindo-me de alto a baixo.

*-Esse aqui é o Gilberto. Meu truta que faz pesquisa lá na escola da Dona Sílvia. É com ele que você falou agora há pouco no celular.*

O rapaz me orientara por telefone para eu chegar até o local onde encontrei Márcio. Sem dizer uma palavra, estendeu a mão, cumprimentamo-nos e Márcio o apresentou:

*- Ele é meu irmão. Ele tá no tráfico. Já falei pra ele do Paulo. A hora que ele quiser sair, o Paulo vem conversar com ele.*

*- Você quer sair do tráfico?*

O rapaz sorri e balança a cabeça afirmativamente sem, no entanto, se pronunciar a respeito da afirmação de seu irmão.

*- Quer beber alguma coisa? – pergunta Márcio.*

*- Vamos lá. Você vem com a gente?*

*- Não, não. – diz o rapaz voltando-se para sua namorada.*

Segundo explicou Márcio, nesse dia, Antônio estava de folga, pois trabalhara no dia anterior na biqueira. Pode-se observar que nem todos os rapazes trabalham todos os dias para o patrão do tráfico. Alguns exercem suas funções esporadicamente, como um bico para complementar a renda. Há alguns, como Antônio, que trabalham em esquema de revezamento. Esse sistema de revezamento mostra-se muito profícuo para o patrão ao diluir a atividade dos rapazes, dificultando possíveis ações da polícia com o pretexto de reprimir o comércio varejista de drogas em face de algum rompimento dos acordos entre as partes. Além disso, aumenta seu raio de influência sobre uma parcela maior dos jovens da área, colocando um contingente expressivo de meninos sob seu mando e tutela. Somente os gerentes têm responsabilidades rotineiras e constantes para com a *firma*<sup>19</sup>. Estes controlam os rapazes do varejo, distribuindo as funções de cada garoto; prestam contas ao patrão sobre o andamento dos negócios: montante

---

<sup>19</sup> Apropriando-se de mais uma palavra que remete ao mundo do trabalho, os rapazes do tráfico o denominam de *a firma*.

vendido, lucros etc.; buscam preservar a tranquilidade do local, protegendo-o da presença da polícia; e podem expandir os negócios, desde que em prévio e perfeito acordo com o patrão.

Continuamos para o interior da favela e seguimos para o outro lado da rua. Como é comum às periferias da cidade, e fartamente descrita pela literatura que se volta sobre o tema, observa-se que as casas são muito precárias, com tijolos à vista, algumas com restos de madeira improvisadas como portas. A fiação elétrica é de alto risco, com uma montoeira de fios passando por todos os lados, os famosos gatos. Em um dos lados da rua, há dois bares. Um pequeno com balcão em alvenaria, no qual há duas máquinas de videopôquer e uma de música ligada em alto volume. Algumas pessoas na porta, homens e mulheres. Márcio me apresenta a todos e desenrola-se uma liturgia de cumprimentos que, parece-me, deve ser cumprida à risca, não ficando nenhuma pessoa sem o aperto de mãos. Mesmo quem estava fora da roda foi cumprimentado por Márcio e por mim que o seguia. Entramos pelo bar cumprimentando o proprietário, os jogadores de sinuca, os bebedores de cerveja. Deixar de cumprimentar alguém pode ser um desrespeito e, eventualmente, ser interpretado como um mal proceder, uma falta de humildade.

Pedimos uma cerveja, prontamente oferecida a todos e recusada também por todos, em um ato ritual que também implica em demonstrar humildade. Mesmo que todos estejam com seus copos cheios, é recomendável o oferecimento da bebida, pois todos esperam pelo ato. Não fazê-lo pode ser interpretado como arrogância ou demonstração de desprestígio para alguém ou para a quebrada, um ato condenado por todos. A predisposição pelo compartilhamento de bebidas, cigarros e outros itens demonstra certa condição de igualdade momentânea. Assim, sem demonstrar superioridade financeira ou social, deve-se indicar o desejo de compartilhamento que coloca a todos como pertencentes à quebrada. A troca que se estabelece nessa relação é uma troca simbólica, na qual todos se assemelham em suas posições de dar e receber. O importante é ofertar, receber a negativa e retribuir em ato simbólico, configurando a aproximação com a quebrada.

No bar, Márcio procura demonstrar o quanto é prestigiado pelos rapazes que o substituíram na venda da droga.

- *Quer ver o traficante pedir ajuda pra mim? Chega aí, vou te apresentar o cara.*

Sáímos do bar e ele chama um rapaz negro que estava no meio da rua, com uma *nécessaire* na mão.

- *Aí neguinho, chega aí.*  
 - *Salve.*  
 - *Salve.*  
 - *Do preto ou da branca?*  
 - *Esse é um chegado meu, lá da escola.*  
 - *Muito prazer.*

O rapaz olha esperando meu pedido. Em sua *nécessaire*, sua mercadoria: maconha e cocaína. Márcio lhe oferece um copo de cerveja dissolvendo um pouco a expectativa. Encho seu copo no momento em que outro rapaz chega para comprar cocaína, levando quatro papalotes. Efetuada a venda, o rapaz volta a conversar conosco. Dessa vez, pedindo sugestões para Márcio.

- *Você precisa ajudar a gente aqui. Dar umas opiniões sobre o movimento.*  
 - *O que você quer saber neguinho?*  
 - *Você que organizou tudo aqui. Cê tem que falar pra gente como que é que cê fez.*  
 - *É isso aí, Gilberto. Quando eu cheguei aqui, não tinha nada. Só essa boca aqui. Eu abri tudo. Não é neguinho? Fala pra ele.*  
 - *É verdade. Ele é firmeza. Por isso que eu quero a opinião dele. Pra eu poder tirar minhas conclusões já que agora eu que tô na responsabilidade da área.*

Nesse momento, um rapaz passa por nós em um carro Golf vermelho. Ouvindo um funk em alto volume, o motorista para a alguns metros de onde estávamos e desce cumprimentando algumas pessoas do outro lado da calçada.

- *Tá vendo esse moleque aí? Esse moleque é gerente. Olha o carrão dele.*

- *Ah é?*  
 - *Você viu o carro dele? Os panos? Parece boy, mas não é. Ele é gerente também aqui na boca que eu abri no outro lado da favela.*  
 - *Como ele ficou com a boca?*  
 - *Eu não quis mais. O patrão passou pra ele.*

- Você acha que ele se deu bem?  
 - *Olha pro cara. O moleque era um zé ninguém e olha como ele tá.*  
 - Você pensa em voltar?  
 - *Já tive isso. Não quero mais. Agora é só baladinha. Cê tá ligado, né? Tenho minhas recaídas. Fumo um baseado. Hoje mesmo, já fumei, se pam<sup>20</sup> vou cheirar. Mas é só balada. Você quer fumar ou cheirar uma carreira?*  
 - Obrigado.  
 - *Tô ligado. Lá no trampo, a nossa conversa é uma, aqui é outra. Lá eu também tô trabalhando, tô estudando. Aqui tamo na balada. Cê quiser fumar, cheirar vai aí, é só falar. O assunto morre aqui. Do mesmo jeito eu, tá ligado? Tamo na balada.*

Meu cicerone apontava para mim, o que ele imaginava ser o desenrolar da noite. Mesmo não sendo mais gerente do tráfico, ele ponderou que não havia abandonado o consumo de drogas. Tornara-se um consumidor com acesso privilegiado às bocas da área. Estávamos na balada e a noite estava apenas começando. Eram apenas 23h45, havia muito o que observar.

- *Lá pela uma hora, vamos pro fluxo. Lá o bicho pega.*

No bar ao lado, um pouco maior, há uma mesa de bilhar e a frequência é majoritariamente masculina. Devido a uma desavença entre Márcio e o proprietário, ali não podíamos entrar.

- *Da última vez que estive ali, depois de beber e usar cocaína, fiquei doidão. Eu chamei o cara de filho da puta, de otário e o caramba.*  
 - Como que fica agora?  
 - *Agora tenho que trocar uma ideia com ele. Ele não quer que eu entre no bar dele. Vou ter que resolver essa treta. Você dá um tempo aqui que eu vou lá.*

Preferi segui-lo. Pela primeira vez, meu informante mostrava-se um pouco tenso. Ele havia passado dos limites com o proprietário do bar e, de certo modo, rompido com regras de boa convivência entre os moradores do local. Na noite da desavença, a esposa do rapaz estava trabalhando com ele no bar. Alterado, Márcio falava palavras de baixo

<sup>20</sup> Termo nativo para aparecer, se tiver, der certo.

calão. O rapaz pedira moderação e foi agredido verbalmente pelo meu informante.

Ao aproximar-se do bar para *trocar ideias*, o proprietário não permitiu sua entrada, mantendo-se na porta como obstáculo à passagem. Na conversa, o dono do bar foi incisivo quanto ao mau procedimento de Márcio.

- *Você pisou na bola.*
- *Eu tava doidão.*
- *Mas não é assim, não. Você fica louco e vai ofendendo os outros. Você viu minha mulher e tudo. Tem que se ligar.*
- *Então, eu tô pedindo desculpas. Tô ligado que pisei na bola.*
- *Tá bom. Mas da próxima vez vê se liga.*
- *Firmeza. Posso entrar agora?*
- *Vai aí.*

Entramos no bar e pedimos mais uma cerveja. Outro rapaz, que passava pela rua, foi abordado por Márcio.

- *Caçamba, chega aí.*
- *Meu chegado lá da escola.*
- *Muito prazer.*
- *Salve.*
- *Ele foi gerente aqui comigo. Sabe por que ele é Caçamba? Porque ele se escondeu da ROTA dentro de uma caçamba e os caras não pegaram ele.*
- *Então Caçamba, ele veio aí pra gente ir pro pancadão.*
- *É cedo ainda. Lá só pega depois da uma.*
- *Vamo lá?*
- *Preciso me livrar da minha mulher. Deixa eu indo. Vou levar ela pra casa. Quando vocês forem, me dá um toque no celular e me pega na outra rua.*
- *Cê tem ido lá? O Ney tá trabalhando lá?*
- *Tá. Mas a semana passada, eu trabalhei lá também, armado e o caramba (sorrindo). Foi louco, mano. Vendeu pra caramba!!!*
- *Cê tá com alguma coisa aí?*
- *Não. Parece que o Neguinho tá sem.*
- *Acabei de ver ele vendendo.*
- *É, mas acabou. O vacilão ficou sem pó na sexta. Vamo lá na outra comprar?*
- *Agora não dá. Tô com meu chegado aqui.*
- *Ele não pode levar a gente lá?*

- *E aí? Vamo lá Gilberto? Cê faz esse avião pra gente? Vamo nós três. Cê nem precisa entrar na boca. Fica esperando a gente na avenida enquanto a gente vai lá.*

Como responder a um pedido desses sem causar mal-entendidos? Evidentemente, havia um elemento de risco ir até uma boca comprar cocaína com meu informante e seu amigo. Havia a possibilidade de um encontro com a polícia e todas as complicações daí advindas que poderiam implicar em acertos não previstos para a noite e até eventualmente em prisão. Por um lado, aspectos éticos colocavam-me o dever de negar o atendimento do pedido. Os rapazes aparentemente esperavam alguma reciprocidade de minha parte. Enfim, o que fazer?

Aproveitando um precioso momento a sós com Márcio, encaminhei uma negativa. Não estava disposto ao risco e, menos ainda, a transpor meus limites éticos. Para meus propósitos, a investigação estava caminhando a contento. Não havia necessidade de aprofundar a observação para além daquele espaço.

- Márcio, acho perigoso irmos na boca.  
 - *Não tem bronca não. Aqui não pega nada.*  
 - Tenho mulher e filho e não quero confusão com a polícia.  
 - *A polícia não para a gente, não. Se parar, é só falar que é daqui e tá limpo.*  
 - Não me leve a mal. Prefiro não ir.  
 - *Firmeza.*

Firmamos nosso acordo sem muitas convenções e mais celeremente do que eu imaginava ser possível. Mesmo Caçamba, que havia saído da roda quando voltou, já não tocou no assunto. A perspectiva de servir de avião, que tanto me incomodara, foi desfeita, mas uma nova onda de tensões estava chegando.

Um rapaz, cliente assíduo da biqueira, procura por Márcio para queixar-se da falta de cocaína em plena sexta-feira.

- *Tô ligado. O Neguinho vacilou.*  
 - *Pô, mano, tô na fissura de cheirar.*  
 - *Vamo dá um jeito nisso. Chega aí neguinho.*  
 - *Fala...*  
 - *Aí o cara quer comprar pó.*  
 - *Tô ligado. Já falei pra ele que daqui uns 20 minutos tá aqui.*  
 - *Ah, não tô a fim de esperar não, diz o rapaz.*  
 - *Aí, Neguinho, o cara quer ir em outra boca?*



- *Fazer o quê?*
- *Não pode deixar não. Vai perder o freguês?*
- *Aí, dá um tempo aí, que eu vou comprar pra você e já volto – propõe Márcio.*
- *Cê tá maluco, rapaz? Vai buscar o bagulho em outra banca pra agradar o cara? A boca aqui é minha. Eu é que sou o responsável aqui.* Inquire Neguinho, muito irritado.
- *Só tô querendo ajudar.*
- *Ajudar coisa nenhuma. Ajudar comprando bagulho de outra boca pra freguês da minha? Cê quer me atrapalhar com o patrão?*
- *Tô dando uma força pra não perder o freguês. Cê tá ligado que tem boca pra todo lado. Cê não pediu umas ideias aí, uma força no movimento?*
- *Pedi umas ideias, não pedi pra você se meter na boca. Você fala aí como fez e tal, mas quem decide as coisas aqui sou eu. Além do mais, o patrão tá vindo aí com o bagulho.*
- *Beleza, então. Cada um pela sua cabeça.*
- *É isso. Nós é caixa preta<sup>21</sup>!*

Terminada a discussão, o rapaz recebe a sugestão de esperar um pouco que *o patrão ligou e já tá mandando a branca. É que hoje vendeu mais do que eu esperava.*

Márcio volta a me apresentar aos seus amigos. Ao mesmo tempo em que me apresenta, parece ostentar certa empáfia por trazer alguém de fora para a quebrada. Alguém que, a despeito de ser pesquisador ou por isso mesmo, demonstra aos seus pares que ele ocupa um novo lugar social.

- *Chega aí Marquinho. Um chegado meu lá da escola.*
- *Prazer.*
- *Prazer.*
- *Nós crescemos juntos. Fala aí, Marquinho, não é verdade?*
- *É sim.*

Márcio e Marquinho passam a narrar acontecimentos da infância: esconderijos em árvores na praça e pequenas peraltices desenvolvidas a partir de um ponto privilegiado de observação, jogos de futebol etc. A adolescência vivida na favela e as opções de cada um. Pergunto a Marquinho se ele também trabalha no tráfico.

---

<sup>21</sup> Como no dispositivo dos aviões, essa expressão implica que cada um tem seus conteúdos particulares, suas próprias ideias e registros dos acontecimentos.

- *Não. Não quero saber disso não.*
- *Ele nunca se envolveu. Nem usar, ele usa. Não bebe, não fuma, nunca cheirou.*
- *Você trabalha?*
- *Trabalho numa firma como montador. Montador de móveis.*

Nesse momento, Márcio pede licença e sai para os fundos de uma viela aonde vai, aparentemente, comprar cocaína. Continuo conversando com Marquinho que me explica que ali *já foi um lugar muito pior.*

- *Muita gente morria aqui. Agora não.*
- *Por quê?*
- *Não pode mais matar a pessoa à toa que nem antes.*
- *Ah, é? E como que é?*
- *Tem que pedir o aval do comando. Se o comando autorizar, tudo bem. Antes não. Tinha um cara aqui que andava com uma 12 pra cima e pra baixo quando eu era moleque. Ele matou gente só porque olhou pra ele. Ele não respeitava nem criança. Agora ele tá preso. Uma vez teve uma guerra aqui por causa de um jogo de futebol. Os caras tretaram lá em cima e começou a guerra. Isso faz uns quinze anos.*
- *Por que tretaram?*
- *Não sei. Foi coisa lá do futebol. Aí começou. Um cara passou aqui dizendo que ia por a cabeça do outro em uma bandeja. Só vendo.*
- *E agora?*
- *Agora tá sossegado, pacificou.*
- *E mesmo vivendo aqui, com tudo isso, você nunca se envolveu com o crime?*
- *Não. Eu vejo os caras aí. Tenho irmão preso por causa da droga. Não quero isso pra mim, não. Mas eu tô aqui, cresci aqui junto com esses caras. Sempre fomos amigos.*

Trabalhando como montador e convivendo com os amigos que estão no crime, Marquinho explicita a demarcação entre esses universos sem, no entanto, transpor suas fronteiras inadvertidamente. Contudo, os laços construídos desde a infância parecem ter criado uma identificação que os aproxima especialmente pela vida em comum na favela. Com naturalidade, narra o papel do comando nas decisões sobre a vida e a morte das pessoas do local e, com a mesma naturalidade, encara os amigos no tráfico.

Márcio retorna visivelmente transtornado. Eu e Marquinho estávamos recostados em um carro estacionado no lado oposto da rua, em frente aos bares e à viela. Muito agitado, Márcio pede para sairmos dali.

- *Chega aí.*
- *O que foi?* – pergunta Marquinho.
- *Cês não viram o pacote entrar. Vão ficar aí, filmando? Os caras vão ficar cabreiros!*

Nesse momento, já caminhávamos para fora do campo de visão da viela. A uns dez metros, paramos. Márcio encostou-se em um carro e nos disse:

- *Vocês viram o patrão chegando com a pacotera?*
- *Aquele que parou ali com os meninos?*
- *É. Ele veio abastecer a boca. Por isso que eu falei pra sair dali. Ele não gosta de ver gente de fora quando ele entrega o bagulho.*
- *Ah, é?*
- *Ainda mais assim quando é ele que vem. Agora tá firmeza.*

Voltando-se para mim, Márcio começa uma conversa para mim completamente inesperada.

- *Então eu te trouxe aqui na minha quebrada. Quando você vai me levar na sua? Cê tá ligado, né? Eu trouxe você aqui, apresentei meus manos. Agora você tem que fazer o mesmo.*
- *A minha quebrada não é bem uma quebrada. Tá mais pra área de boy.*
- *Não interessa. Eu trouxe você na confiança. A gente trocou ideias, você queria conhecer o pancadão, tá aqui conhecendo os manos da minha quebrada. Tem que firmar agora. Você me leva pra sua quebrada, pra sua casa, me apresenta seu pessoal. Eu confiei em você, você tem que confiar em mim.*
- *Tá certo!*
- *Então vamos lá no samba da Conceição. É lá sua quebrada, não é?*
- *Lá na Conceição. Nós podemos ir lá, sim.*
- *Você pode me levar para sua casa, não pode?*
- *Vamos combinar.*
- *Nos é caixa preta. Cê tá ligado.*
- *Sim.*
- *Então a gente vai dá esse rolê pra firmar que nós somos manos.*

O assunto parecia acabado uma vez que me comprometi a levá-lo para minha quebrada. Lembrei-lhe do pancadão e Marquinho reforçou que já era hora de irmos.

- *Vamos lá, Márcio. O seu amigo precisa ir embora. O cara trabalha amanhã.*

Tendo em vista o avançar da hora – já eram quase duas da madrugada – , eu alertara Marquinho que queria ir para o pancadão e que tinha compromissos durante a manhã.

- Então vamos aí?
- *Vamos esperar o Caçamba.*
- *A gente pega ele na rua de baixo.*
- *Deixa eu dar um toque no celular dele.*

Fomos para o meu carro. Na paralela à esquerda, encontramos o Caçamba que vinha preparando um grande baseado.

- *Deixa isso aí – disse-lhe Márcio.*
- *Por quê? Não tamo indo pro pancadão?*
- *Tamo. A gente pega uma farinha lá.*
- *Vamo fumando, então.*
- *Vamo fumar no carro do cara?*
- *Ele não fuma?*
- *Ele é da rotina<sup>22</sup>. Trampa amanhã.*
- *Ah, firmeza.*

Caçamba me diz que também trabalha e que trabalharia no dia seguinte.

- Onde você trabalha?
- *No Santander.*
- Com o quê?
- *Na manutenção.*

O trajeto entre uma favela e outra é muito curto. Apenas o contorno de algumas quadras irregulares. Se estivéssemos a pé, chegaríamos mais rápido ao cortar caminho pelas vielas. Durante o trajeto, as conversas foram cruzadas e entrecortadas. Apenas quando passamos por um posto da polícia ficamos em silêncio. *Ó os caras aí!*, foi a frase proferida por Márcio, mas sem nenhuma entonação que denunciasse alguma tensão ou desequilíbrio, apenas uma observação. Eu particularmente imaginava que éramos a mais perfeita “isca de polícia”: um carro dirigido por um homem branco tendo como passageiros dois jovens negros e um rapaz

<sup>22</sup> Márcio quis dizer que eu tinha compromisso pré-agendados e alguma organização rotineira em meu cotidiano.

com traços nordestinos entrando em uma rua que dá acesso a uma biqueira e ao fluxo.

O posto policial fica em um entroncamento de vias onde o trânsito é organizado por uma sequência de semáforos. Tínhamos que virar à esquerda e paramos ao fechar o semáforo. Sem olhá-los acintosamente, percebi que os policiais nos observavam enquanto ficamos parados. Para minha surpresa, passamos sem sermos abordados. Talvez Márcio tivesse razão: *a polícia não para as pessoas ali na favela*. Assim que abriu o semáforo, segui e entrei na primeira à esquerda. Novamente repeti o cerimonial de chegada: dois toques nos faróis, apagar as luzes do carro, dirigir devagar. Dessa vez, afundando em buracos e chocando-se em pedras e lombadas para finalmente estacionar já muito perto de uns rapazes em outro ponto da favela. Perguntei se não era ruim parar ali tão em cima do movimento de pessoas?

*- Não. É até melhor. Os meninos aí preferem porque se vier polícia eles param longe.*

Chegamos enfim ao pancadão. Uma aglomeração de rapazes encostados nas paredes das casas de alvenaria, sem acabamento, em uma viela escura. Caminhamos por uns dez metros e já era audível o som do funk entremeado pelo de som de um forró. Ao virarmos à direita, a rua se apresentava em festa. Muitas barracas de bebidas e comidas e muitos jovens circulando. O forró vinha de uma casa logo na entrada do beco. O pancadão era mais ao fundo. O comércio e o consumo de drogas eram intensos. Desde o álcool nas barracas, na entrada da rua, até ecstasy, cocaína e maconha eram vendidos no entorno do baile e nas vielas<sup>23</sup>.

Caminhando pela quebrada com Márcio, fica evidente a conflitividade envolvida em suas escolhas. De um lado, a escola, seu ambiente de trabalho e estudos com seus agentes lhe acompanhando, manifestando-se em sua fala e descrições de sua nova vida. De outro lado, o mundo de comércio de drogas ilícitas com seus parceiros de ontem que estão por todas as dimensões de sua experiência social. Circulando por esses dois mundos, esse jovem vai se relacionando com os códigos e símbolos ora de um ambiente ora de outro, numa relação que lembra a de uma

---

<sup>23</sup> Faço uma descrição desse espaço em “Território e sexualidade juvenil na periferia” no prelo.

juventude ioiô na metáfora elaborada por Pais (2003), segundo a qual, diante das estruturas sociais fluídas, os jovens sentem suas vidas marcadas por inconstâncias, descontinuidades, reversibilidades, em movimentos de vai e vem similares aos de um ioiô. Acompanhá-lo implicou reconhecer a ação da instituição escolar, das ONGs, do crime, da família perpassando sua condição juvenil, suas escolhas e seus dilemas.

Constatou-se que, no mesmo cenário em que Márcio circula, encontram-se tipos de jovens com maior ou menor proximidade do mundo do crime, embora todos vivam sob a inflexão de suas pressões e demandas. Observou-se um *tipo “puro”* que está direta e prioritariamente ligado às atividades ilícitas e ilegais. Esse tipo de jovem orienta-se pelos códigos da criminalidade com pouca mediação de outras referências socializadoras. O ganho auferido pelas atividades ilegais reverte em consumo de produtos que simbolizam status e prestígio na quebrada (PEREIRA, 2014).

Há aquele tipo *híbrido* que transita pelo mundo do crime sem perder as referências do mundo do trabalho, inclusive exercendo atividade remunerada. É um tipo de jovem que tem a venda de drogas como uma complementação à renda auferida em uma atividade de trabalho regular. Esse tipo não discute implicações éticas ou morais de suas atividades ilegais e transita pelas fronteiras entre o ilegal e o legal. Embora reconheça as distinções entre esses espaços sociais esse tipo de jovem não demonstra constrangimentos ao realizar atividades para o mundo do crime.

O tipo *trabalhador* ainda é recorrente, sinalizando que os códigos e símbolos orientadores da conduta das classes populares não foram totalmente diluídos com o desmonte das estruturas fabris e com a relativa perda do modelo de ascensão social pelo trabalho como um projeto familiar. Marquinhos é um exemplo desse tipo de jovem. Orientando-se pelos códigos do trabalho, não deixa de manter relações com os amigos e vizinhos com os quais tem uma história compartilhada no bairro, mantendo-se nas bordas do mundo do crime, sem adentrar nas estruturas que este mantém no território. Para esse tipo, as fronteiras entre os espaços das legalidades e ilegalidades estão bem delineadas, e ele não mostra disposição em transpô-las, mantendo-se apegado à ética do trabalhador.

Há ainda aquele jovem que exercita um saber que ocorre pela habilidade em contornar os espaços e em transitar pelas fronteiras num ato de apropriação dos símbolos que ordenam a vida em diferentes dimensões sociais. Exercitando um tipo de *experiência circulante* por entre os espaços constitutivos da periferia, esse tipo de jovem adquire um saber social que reorienta seu modo de vida. Transitando entre as entidades que ora gerenciam os desmandos do território, ora operam sobre o comportamento e as práticas dos jovens e, também, circulando pelo mundo das ilegalidades, ilicitudes e informalidades, esse tipo de jovem pratica um *saber circulatório* nos termos definidos por Telles (2007):

[...] o próprio dessa “arte do contornamento” é justamente saber transitar entre fronteiras sociais, lidar com os códigos, jogar com as identidades, passando de um lado (o mundo “oficial” dos programas sociais e mediações públicas) e do outro (o “mundo bandido”), e mais por entre todas as outras mediações sociais (a família, o trabalho, a igreja, as associações comunitárias...), um “saber circulatório” que se transforma em recurso para investir possibilidades de vida e de formas de vida (p. 216).

Esse tipo de jovem, que Márcio ilustra, estabelece um *tipo conflituoso* que se mantém próximo ao tráfico, sem exercer as atividades de compra e venda de drogas ou qualquer outra relacionada aos negócios ilícitos locais, embora já tenha participado desse universo e conheça toda a trama de relações que opera nesse meio. São jovens que estão sobre o fio da navalha e vivem uma relação conflituosa com as dimensões lícitas e ilícitas da vida social. Assim, Márcio se mantém próximo ao mundo do crime pela experiência acumulada ao longo de sua vida e pelos laços sociais construídos nessa trajetória. São laços de parentesco, vizinhança, amizade e afinidades que coagem o jovem a manter-se próximo ao mundo das ilicitudes. Por outro lado, ao transitar pelas entidades locais, ao estabelecer contatos com membros de outros grupos sociais, desenvolve um saber e algumas estratégias para viabilizar sua mobilidade social que, com os saberes anteriormente adquiridos, configuram um novo modo de vida para esse tipo de jovem da periferia.

Evidentemente essa tipologia não abarca o conjunto de dilemas e problemas que estão envolvidos no conjunto de relações sociais dos jovens representados por elas, e nem podem ser circunscritas ao âmbito das experiências individuais. Reconhecer esses tipos implica em tentar

estabelecer possíveis recorrências da experiência social que não se efetivam apenas na dimensão individual, mas se efetivam no âmbito social e histórico e, portanto, são vivências coletivas (THOMPSON, 1981).

### **Considerações finais.**

O relato etnográfico aponta para formas da experiência marcadas, na esfera do mundo do trabalho, por uma grande permeabilidade entre as dimensões do formal e informal do lícito e do ilícito. No tocante às informalidades pode-se afirmar que as camadas populares moradoras da periferia viveram desde sempre em meio ao trabalho incerto, à mal remuneração e recorrendo a expedientes os mais diversos para obter ou complementar seus rendimentos. O desmonte industrial experimentado nos anos 1990 e vivido pelos moradores da periferia atingiu parcela de sua população, mas para segmentos significativos dessa mesma população não era novidade, acostumada que estava com a “viração”. A novidade me parece estar no trânsito entre o lícito e o ilícito e a reordenação de significados emprestados do mundo do trabalho para nomear as atividades do mundo do crime que para certo tipo de jovem é trabalho. Assim, o irmão de Márcio está de folga após uma noite trabalhando na venda de maconha e cocaína. Caçamba complementa sua renda vendendo os mesmos produtos e não vê dilemas morais em passar do trabalho no Santander para o trabalho de sexta à noite na biqueira do patrão local.

A forte presença da informalidade entre os setores populares quando se trata da inserção no mundo do trabalho pode sinalizar qual a compreensão que os jovens que convivem com a expansão do crime – sobretudo do tráfico de drogas ilícitas – tem sobre sua participação nesse mundo, nem sempre marcada por um caminho sem volta como aponta a etnografia. Marcados desde sempre por uma acentuada informalidade nas relações de trabalho esses jovens das camadas populares encaram sua participação no comércio de drogas ilícitas como mais um capítulo dessa informalidade. Ao resignificarem os termos do mundo do trabalho, tais como *firma*, *patrão* e mesmo o *trabalho* nas biqueiras, introduzem um elemento caro às camadas populares na reflexão sobre as relações desses jovens com o mundo dos ilícitos: a ética do mundo do trabalho. Não se trata mais da ética do mundo do crime ou das



distinções entre o bandido formado ou imaturo (FELTRAN, 2008; ZALUAR, 1985, 1994) mas sim de uma compreensão nativa de sua atividade inserida no universo dos trabalhos possíveis e disponíveis para esses jovens. Isso traz novos desafios para a análise e exige que se lance um olhar despido de preconceito sobre as atividades desses rapazes e inclusive sobre a venda e o consumo de drogas ilícitas na periferia da cidade.

Evidencia-se que o mundo do trabalho e o mundo do crime ou a vida de trabalhador e a vida de bandido se aproximam, têm signo intercambiáveis e o trabalho ilícito é apropriado como possibilidade de ganho pecuniário. Trata-se de novas e diversas formas de sociabilidade juvenil que não opõem polos opostos, mas estabelecem relações que distendem as fronteiras sociais e de alguma maneira reconfiguram as convenções sociais, sobretudo as do mundo do crime e do trabalho. Nesse sentido observa-se uma sociabilidade juvenil radicalmente nova nas periferias da cidade permeada pela fluidez das fronteiras entre as diferentes esferas da vida social, uma forte injunção das relações locais e, como tentei apontar com os dados desta etnografia, tendo a possibilidade do conflito, da recusa e da redefinição de suas trajetórias.

## Referências

DA MATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURHAM, E.R. A sociedade vista da periferia. In: **A dinâmica da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2004 1986, p. 379-407.

FELTRAN, G. S. **Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo**. Campinas: tese de Doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

HALL, S. **DA DIÁSPORA: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013.

HIRATA, D. V. *O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo*. São Paulo: USP, dissertação de mestrado, 2005.

LOBO, E. S. **Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência**. Tempo Social: Ver. Sociol. USP, 4 (1-2): 7-15, 1992.

MACHADO E SILVA, L. A. **Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 19, nº 1, 2004.

MINTZ, S. **Encontrando Taso, me descobrindo**. Dados, v. 27, p. 45-58, Rio de Janeiro, 1984.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Lisboa, Âmbar, 2003.

PERALVA, A. **Violência e democracia: O paradoxo brasileiro**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

PEREIRA, A. B. **Funk Ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação**. Revista de Estudos Culturais, v. 1, p. 1-18, 2014.

TELLES, V.S. & CABANES, R. **Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios**. São Paulo, Humanitas, 2006.

\_\_\_\_\_. Transitando na linha de sombra, tecendo as tramas da cidade. (anotações inconclusas de uma pesquisa) In.: OLIVEIRA, F. & RIZEK, C.S. (orgs) **A era da indeterminação**. São Paulo, Boitempo, 2007.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.

*Recebido em 02/12/2016  
Aprovado em 27/12/2016*